

## **O Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral a partir de uma leitura mistagógica**

The Ritual of the anointing of the sick and its pastoral assistance  
from a mystagogical Reading.

Rodrigo José Arnosos Santos\*

**Recebido: 15/03/21**

**Aprovado: 26/04/21**

### **Resumo:**

A Igreja, à luz das reflexões teológicas, pastorais e litúrgicas surgidas a partir do Concílio Vaticano II, promoveu e executou um grande trabalho de renovação dos seus livros litúrgicos, a partir de diversas comissões, formadas para tal empreitada. Entre os livros renovados, encontramos o Ritual da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral. Neste livro, não encontramos apenas um rito a ser seguido na celebração da unção de um membro enfermo da comunidade, mas nos deparamos com a presença de uma Teologia Litúrgica, que nos ajuda a celebrar este momento do existir humano, que é a realidade da enfermidade, à luz do Mistério Pascal de Cristo, que se renova na vida e ação celebrativa da comunidade cristã. Com o escopo de conhecer melhor este ritual, o que propomos aqui é uma leitura mistagógica do mesmo.

**Palavras-chaves:** Mistagogia; Sacramento da Unção dos Enfermos; Celebração; Rito; Espiritualidade.

### **Abstract:**

The Church in the light of the theological, pastoral and liturgical reflections that emerged from the Second Vatican Council promoted and carried out a great work of renovation of its liturgical books, from various commissions, formed for such endeavor. Among the renewed books we find the Ritual of the Anointing of the Sick and its Pastoral Assistance. In this book, we find not only a rite to be followed in the celebration of the anointing of a sick member of the community, but we are faced with the presence of a Liturgical Theology, which helps us to celebrate this moment of human existence which is the reality of the disease, in the light of the Paschal Mystery of Christ, which is renewed in the life and celebratory action of the Christian community. In order to get to know this ritual better, what we propose here is a mystagogical reading of it.

**Keywords:** Mistagogy; Sacrament of the Anointing of the Sick; Celebration; Rite; Spirituality.

### **Introdução**

Às vésperas da celebração dos 50 anos da publicação do novo Ritual da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral (RUEAP), a ser celebrado em 2022, o que nos propomos nas linhas que seguem, é traçar um itinerário que nos ajudará a recuperar os

---

\* Rodrigo José Arnosos Santos é padre redentorista, mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma, e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP. É secretário e professor de Liturgia e de Teologia Sacramental no Instituto de Teologia São Paulo – ITESP e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Instituto Pio XI.

elementos da Teologia Litúrgica da celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos. Constatamos que na prática pastoral celebrativa, este ritual ainda continua a ser desconhecido, tanto por aqueles que são chamados a presidi-lo junto aos enfermos, bem como pela comunidade eclesial que é convocada, a exemplo de Tiago 5,13-16 a assistir os que experimentam a realidade da enfermidade e são exortados a vivê-la à luz do Mistério Pascal de Cristo.

O RUEAP nasceu das reflexões que brotaram do longo trabalho de reflexão dos padres conciliares, que logo ao início do Concílio Vaticano II, pensaram e propuseram elementos fulcrais para se renovar e enriquecer este e tantos outros rituais da Igreja, que expressam a sua *lex orandi* e *lex credendi* (CORBON, 2003 p. 5). A grande carta magna conciliar em prol da renovação da vida litúrgica da comunidade eclesial, *Sacrosanctum Concilium* (SC), emerge dos primórdios deste importante tempo de *aggiornamento*, para toda a comunidade cristã católica, como um momento oportuno de acolhida da passagem do Espírito de Deus pela vida de sua Igreja. O primeiro artigo dessa constituição assim se expressa:

O sagrado Concílio, propondo-se fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que creem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja, julga ser sua obrigação ocupar-se de modo particular também da reforma e do incremento da liturgia (SC 1).

O texto citado já nos mostra claramente o objetivo principal do Concílio, naquilo que se referia à renovação da vida litúrgica da Igreja. O Concílio não se propôs a condenar às práticas litúrgicas até então experimentadas pela comunidade eclesial, mas desejava renová-las e incrementá-las, em favor do desenvolvimento de uma fé madura, consciente e frutuosa. Para atingir tal escopo, a própria SC 7 vai nos apontar um novo conceito de liturgia, que foge a uma antiga conceituação que tinha por base apenas elementos jurídicos, estéticos e rubricistas. A liturgia deve ser: “considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral”.

Deste ponto, podemos intuir que as ações litúrgicas da Igreja, com os *seus ritus et preces*, nos colocam em contato profundo com o mistério de Cristo. Para atingirmos o mistério, a exemplo dos discípulos de Emaús, percorremos uma estrada, que a Igreja, nas suas primeiras horas definiu como caminho mistagógico.

A mistagogia foi um método espiritual desenvolvido pelos Padres da Igreja, com

a finalidade de conduzir os neófitos ao coração do mistério celebrado pela liturgia, por meio do conhecimento dos ritos litúrgicos da Igreja. O método pode ser antigo, mas continua sendo uma proposta atual, para que se promova a participação ativa, consciente e frutuosa dos fiéis na liturgia (SC 48).

Partindo do método mistagógico, o que intentamos com esta nossa reflexão é resgatar os elementos presentes no novo RUEAP, que nos ajudam a celebrar junto aos enfermos a esperança da cura, e nos recordam que no mundo, como comunidade eclesial, devemos ser o retrato de uma Igreja Samaritana. Dom A. Bucciol, na apresentação do livro “*O humano sofrer: evangelizar as palavras sobre o sofrimento*”, de Luciano Manicardi, assim se expressa sobre o cuidado dos fiéis enfermos:

A liturgia deve ter sua continuação na vida cotidiana. Portanto, a fidelidade ao Senhor exige solidariedade com os irmãos e as irmãs que sofrem. A Igreja recebeu a missão de estar, com delicada atenção, junto aos sofredores. A proximidade aos que sofrem deve ser vivida, de maneira sacramental, com a Unção dos Enfermos, sinal da ternura de Jesus. Essa, porém, não se esgota em uma simples celebração litúrgica, mas pede humana competência, delicada sensibilidade e grande fé. (MANICARDI, 2017, p. 9).

Assim sendo, este nosso trabalho será dividido em duas partes. Na primeira buscaremos entender o que significa o método mistagógico. Na segunda aplicaremos este método para o estudo do RUEAP em suas diversas partes. Estamos cientes de que conhecer os ritos que celebramos nos faz sentir ainda mais Igreja.

### **1. A mistagogia: uma estrada que nos conduz ao coração do mistério**

Nos seus primeiros séculos a Igreja viveu um significativo e precioso tempo de criatividade litúrgica. Do século III ao século V, foram muitos aqueles que trabalharam no exercício da redação dos primeiros textos litúrgicos ou eucológicos, na composição de um calendário anual de celebrações, denominado de Ano Litúrgico, bem como na sistematização dos passos rituais, para celebrar a eucaristia e as outras ações sacramentais da Igreja. Todo este trabalho teve como escopo tornar evidente o fundamento de toda a vida litúrgica da comunidade cristã, que não é outro, a não ser o Mistério Pascal de Cristo.

A mistagogia nasceu dentro desse contexto e se desenvolveu, graças ao empenho dos padres da Igreja, como Tertuliano, Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo, Leão Magno, Ambrósio e Agostinho, entre outros. Mistagogia vem da palavra de origem grega *mystagogia*, que significa “conduzir ao mistério” (STUDER, 2002, p. 945). A História da Igreja testemunha o uso desse método pelos Padres da Igreja, com o

intuito de introduzir os neófitos no sentido da celebração da Eucaristia e dos outros ritos da Igreja, nos apontando que, em nossa experiência de homens e mulheres que celebram, o Senhor não se esconde, mas se revela a cada um de nós que nos deixamos guiar por Ele e pelo conhecimento de sua Palavra ao coração do mistério.

A mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus, pela meditação, pela oração, pela celebração comunitária, pela proclamação e hermenêutica da Palavra. Nessa perspectiva, a comunidade cristã assume a responsabilidade de ser mediadora da Revelação, iniciativa gratuita e amorosa de Deus, desde o acolhimento do iniciante assim como durante sua formação e acompanhamento (COSTA, 2014, p. 79).

Esse método mostrou-se, nas primeiras horas do cristianismo, um caminho eficaz de busca de compreensão do mistério celebrado, de catequese segura, em vista de uma participação ativa e consciente da assembleia celebrante, na própria ação litúrgica. Por isso, nessa direção a mistagogia é um valioso instrumento para a compreensão da liturgia e da sua frutuosa relação com a vida cristã. Em seu estudo sobre a prática mistagógica nos séculos IV e V, Giuseppe Laiti afirma:

A mistagogia corresponde a duas exigências: a) guarda a peculiaridade do celebrar cristão como lugar que dá e protege a forma de viver cristã [...]; b) ajuda a reconhecer na forma do rito o estilo de Deus, de seu agir, que exatamente na forma nos alcança e nos faz participantes da *historia salutis* do povo de Deus no mundo. Ela visa solicitar, exatamente por meio da compreensão do rito, a contínua personalização da graça recebida, a adesão ao agir de Deus, que vai construindo nossa salvação, de que o rito propõe a imagem, enquanto a comunica (LAITI, 2014, p.48).

Bebendo deste valioso tesouro do passado, a Igreja presente no mundo contemporâneo vem buscando resgatar em sua catequese litúrgica o método mistagógico, reconhecendo a sua importância na busca do conhecimento do mistério celebrado, em cada um dos sacramentos e sacramentais. Como afirma Boselli: “aquele que participa da liturgia sem conhecer o mistério é semelhante a um dançarino que dança sem compreender o sentido da música, desconhecendo o seu ritmo” (BOSELLI, 2012, p. 32).

Os documentos sobre a liturgia, que nasceram à luz das reflexões do Concílio Vaticano II e que alimentam toda a construção teológica da Ciência Litúrgica de nosso tempo, insistem sobre a premente necessidade de a comunidade cristã superar a errônea ideia de que, na liturgia, celebramos um mistério que se oculta. Pelo contrário, todas as ações litúrgicas da Igreja atualizam o Mistério Pascal de Cristo, na vida e missão de cada membro que faz parte do corpo místico de Cristo.

Desse modo, diante da necessidade de a comunidade cristã ampliar a sua

consciência sobre o mistério que celebramos, em vista de uma participação ativa, consciente e frutuosa na liturgia, com Juan Martin Velasco podemos dizer: “a mistagogia, a iniciação na experiência do Mistério, se converteu no tema por excelência da teologia e ação pastoral em nosso tempo” (VELASCO, 2016, p. 38). É a mistagogia um caminho seguro, para que se supere na experiência cristã, o hiato entre liturgia e vida.

São Jerônimo, no século IV, afirmava que o desconhecimento das Escrituras implicava no desconhecimento do Cristo. O mesmo podemos afirmar para a liturgia: “*ignoratio liturgiae, ignoratio Christi est*”. O desconhecimento da liturgia por parte de uma assembleia que se reúne para celebrar uma ação litúrgica, significa também desconhecimento de Cristo. A mistagogia, hoje tão valorizada e estudada pela Ciência Litúrgica, nos ajuda como membros da comunidade cristã a termos consciência do mistério narrado pelas Sagradas Escrituras e celebrado na liturgia.

Por isso, a tarefa que agora se nos apresenta é a de fazermos uma leitura mistagógica do RUEAP. Tal leitura nos ajudará a entender esse ritual, que é composto por gestos, orações e sinais como uma grande fonte de espiritualidade cristã, sobretudo, para aqueles que na realidade da enfermidade são chamados a celebrar a esperança da cura do corpo-alma-espírito.

## **2. O título do Novo Ritual**

Em pequenos detalhes, podemos constatar o grande esforço do Concílio Vaticano II em recuperar o sentido inicial do Sacramento da Unção dos Enfermos para a comunidade cristã. O próprio título do RUEAP nos testifica isto. A História da Liturgia registra que a partir do século XII, a Unção dos Enfermos passou a ser denominada de *extrema unctionis*. Esta mudança de nomenclatura, com o passar do tempo, acabou gerando uma compreensão errônea, por parte da comunidade cristã, sobre o real sentido deste sacramento em favor do enfermo cristão. Tratando deste assunto, em um trabalho de pesquisa sobre a Unção dos Enfermos, assim se expressa Zilles:

O Catecismo de Trento explica: “Esta unção é chamada de extrema por ser administrada em último lugar, após as outras unções confiadas por Cristo à sua Igreja” como sinais sacramentais. Extrema-unção então significa aquela unção que normalmente se recebe após as unções do batismo, da crisma, e, eventualmente, da ordem. Mas o povo não entendeu assim. Para ele a extrema-unção foi e ainda é a unção do fim da vida, o sacramento daqueles que estão condenados a morrer (ZILLES, 1995, p. 103).

A compreensão distorcida desse sacramento conduziu os cristãos a um

distanciamento da sua celebração, o que o tornou pouco procurado e conseqüentemente pouco celebrado pela comunidade eclesial. Durante alguns séculos, os cristãos definiram a prática celebrativa desse sacramento como uma carta de passagem deste mundo para a eternidade, dada àqueles que já experimentavam o risco eminente de morte. Tal pensamento de certa forma ainda hoje encontra-se presente, no modo dos cristãos procurarem e celebrarem esse sacramento. Entretanto, o próprio título do novo ritual, renovado segundo as orientações do Vaticano II e promulgado por autoridade do Papa Paulo VI, já nos indica uma estrada percorrida pela Igreja na busca de superação de tal ideia. Diante disto, somos cômnicos de que o título do RUEAP já nos indica um caminho catequético-litúrgico de formação da comunidade eclesial, sobre um novo modo de pensar e celebrar esse sacramento, como momento de atualização da nossa participação na História da Salvação.

Deus na História da Salvação, mesmo diante de contextos de infidelidade, nunca deixou de se revelar como Pai de infinita misericórdia, ao povo que elegeu para si. São muitos os textos das Escrituras, que nos apresentam um Deus atencioso, amoroso e misericordioso para com o seu povo.

O título do RUEAP é expressão deste cuidado de Deus para com os seus filhos. O mesmo já nos ajuda a entender que esse sacramento é para os vivos, e ele revela a prática de uma comunidade que acompanha os seus enfermos à luz da própria ação missionária de Jesus, que buscou resgatar o enfermo, que por causa da sua enfermidade era colocado à parte do convívio social. O novo título é uma resposta fiel e criativa, intuída pelos padres conciliares, que deram na SC as pistas iluminadoras para a renovação do sentido e modo de celebrar este sacramento (SC 73).

As orientações conciliares para a renovação e incremento do Ritual da Unção dos Enfermos já nos apontam uma preocupação da Igreja, não só em celebrar um sacramento, mas apresentar em um mesmo ritual os diversos modos celebrativos e de presença da Igreja, na vida do membro da comunidade que experimenta na própria carne a experiência da enfermidade. Buscando definir o novo ritual dos enfermos, a partir do seu título, Collins assim se expressa:

O Ordo *unctionis infirmorum* é um ordo litúrgico e não simplesmente um compêndio de ritos litúrgicos. O conceito de ordo implica no mínimo o reconhecimento de um plano pastoral mais amplo, no âmbito do qual vem celebrado corretamente uma certa variedade de liturgias. A questão central para este *ordo* litúrgico, que está já no seu título, é a enfermidade e os modos com os quais a Igreja pode estar vizinha aos que estão enfermos (COLLINS, 1991, p. 22).

Repensando o modo de se fazer presente na vida dos fiéis enfermos, a Igreja confirma que a enfermidade não afasta uma pessoa da comunidade eclesial, mas faz esta comunidade presente, por meio da celebração do Mistério Pascal, na vida daquele que vive a enfermidade e deve vivê-la na presença do Cristo, que com os enfermos experimenta a situação da dor, não para nela permanecer, mas para superá-la, na perspectiva da concretização da plenitude do Reino de Deus.

O gesto celebrativo da unção do enfermo, com a assistência pastoral da Igreja no tempo da publicação do novo RUEAP, significou uma mudança copernicana na celebração desse sacramento. Por isso, vislumbramos aqui a recuperação de uma proposta mistagógica da celebração do mesmo.

Se entendemos por mistagogia a condução da pessoa de fé ao coração do mistério, aqui o enfermo, acompanhado pela comunidade eclesial que o assiste pastoralmente, é chamado a sentir, neste momento de sua vida, “a presença de Jesus que passou fazendo o bem, confortando, curando e perdoando os enfermos” (BECKHÄUSER, 2019, p. 110), enriquecendo-os com a esperança do restabelecimento da saúde, que devolve a cada um a capacidade de poder testemunhar o *kerigma*.

Ter consciência de como cuidar dos enfermos é uma das mais belas atitudes da comunidade cristã, que já aprendemos do título do RUEAP, o qual convida a Igreja a se desinstalar e a repensar a sua pastoral, junto aos enfermos. Podemos afirmar que esta é uma pastoral que procura resgatar a esperança da pessoa, para que diante da enfermidade venha a se sentir desamparada por Deus (*Lumen Gentium* 11).

O novo título do RUEAP, a partir das orientações registradas na SC, nos abre as portas para entendermos os elementos teológicos, litúrgicos e pastorais nele registrados. Ao folhearmos as suas páginas, testemunharemos que o rito não falará de morte, mas da vida que alcançamos a partir de uma fé madura e consciente. Em linhas gerais podemos afirmar que este *ordo*, em suas diversas partes, resume o que lemos em Mateus 24, 35-36: “eu tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me acolhestes, estava nu e me vestistes; doente e me visitastes; na prisão e viestes a mim”.

### **3. As celebrações propostas pelo RUEAP**

A celebração dos sacramentos se configura como momentos oportunos de transmissão da fé a uma comunidade que é exortada a crescer cada vez mais na consciência do sentido e importância do Mistério Pascal de Cristo para toda a Igreja. O



rito que agora passamos a analisar, nos ajuda a compreender tal afirmação. O ato celebrativo tem sempre por finalidade promover o encontro entre Deus e o humano. Tal encontro nasce de uma experiência fundamental de fé. Bruno Forte, abordando o tema da fé, se expressa dizendo:

A fé se gera no arco de fogo de uma verdadeira alteridade, na relação com o Outro que vem a nós, e não apenas de alguma coisa que acontece em nós. Que essa relação não é ilusão, mas luta, entrega e humilde abandono à presença real e misteriosa do Deus que vem, é comprovado por toda autêntica experiência de fé, ainda que seja sempre necessário purificar e reavivar a fé dos fiéis, libertando-a de toda forma de consolação vazia ou de garantia ingênua, para alimentá-la nas fontes da revelação divina, que a Igreja guarda e transmite (FORTE, 2018, p. 231).

O RUEAP, em suas diversas propostas celebrativas em favor do homem de fé enfermo, já expressa o seu grande esforço em demonstrar que a ação de Deus, em favor da vida humana, por meio do seu Filho, sob o impulso do Espírito Santo, não são atos mágicos, mas gestos iluminados pela fé, que procuram conduzir a pessoa batizada, dentro da história, a uma experiência de salvação. “A fé ilumina o sentido da vida e da história, porque conscientiza quem crê de ser amado por um amor eterno, gratuito e fiel” (FORTE, 2018, p. 232).

Celebrar o Sacramento da Unção dos Enfermos, ou dispensar o tempo necessário para assistir ou acompanhar os que vivem a experiência da enfermidade, é o maior testemunho profético que a Igreja pode dar no mundo da saúde. É expressão do seu saber cuidar, como Jesus cuidou da pessoa humana, sobretudo dos marginalizados. Ao adentrarmos no estudo das diversas partes que formam o RUEAP, à luz do caminho mistagógico, veremos como a Igreja, por meio da celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos e a sua assistência pastoral, procura cuidar e promover a dignidade da existência humana, como sinal da vivência do mandamento do amor.

### **3.1 A visita aos doentes**

A primeira celebração proposta em favor do cristão enfermo é a da visita, por parte da comunidade, seja à sua casa ou ao hospital onde o mesmo tem a oportunidade de celebrar o Sacramento da Reconciliação e receber a comunhão. Sabemos que o tempo da enfermidade nos deixa mais frágeis; em algumas situações, a esperança de um amanhã diferente do presente que estamos vivendo se arrefece. A presença da Igreja nesse momento da vida de uma pessoa enferma é a expressão do seu cuidado de mãe, que não desampara, mas que cuida; e por meio desses dois sacramentos, procura ajudar a pessoa a ter serenidade diante da dor que a intranquiliza.



Os textos propostos para a celebração de tal visita nos mostram a face de uma Igreja que se apresenta como samaritana, a qual procura se fazer presente na vida do enfermo para que, por meio da sua ação missionária, torne-se cada vez mais evidente a misericórdia e a compaixão de Deus para com aqueles que sofrem na própria carne a dor provocada por uma doença.

No verbo amparar encontramos a mais bela das expressões para descrever a visita dos membros da comunidade eclesial a um enfermo. A atitude de amparo, testemunhada por essa visita celebrativa é o sinal concreto de uma Igreja que continua os passos de Jesus, que diante dos enfermos nunca se fez indiferente, mas sempre agiu, e a partir da fé dos mesmos, os resgatou para uma nova vida. Messina falando sobre a presença de Jesus entre os enfermos registra:

Todas as vezes que encontramos Jesus nos evangelhos, escreve Mac Nutt, ou o encontramos curando alguém ou apenas terminando de curar ou andando para curar alguém... através da cura Jesus faz emergir em maneira progressiva, mas clara e de modo inequívoco, aquilo que lhe está ao coração, somente uma coisa necessária, o núcleo central da boa nova: a) o imenso amor do Pai que amando o mundo até o fim deu-nos o seu Filho unigênito; b) o fim último do homem que é de conhecer, amar e servir a Deus, descobrindo a sua misteriosa presença no irmão que vive de lado, chagado ou desfigurado, pobre ou peregrino, com fome ou sedento (MESSINA, 1999, p. 24).

A visita ao doente é marcada por gestos, palavras e sinais que nos indicam a solidariedade de Deus para com o seu filho enfermo. O ir à casa de um doente ou visitá-lo no leito de um hospital é uma ação celebrativa comunitária. Por isso, temos aqui alguém que exerce o papel de presidente desta ação litúrgica.

O que preside a visita, ao chegar próximo do enfermo e da sua família, os saúda com a saudação do Ressuscitado: “a paz esteja nesta casa ou lugar”. Esse gesto já nos aponta que aquele que chega é mensageiro de vida, mesmo que a vida que se encontra diante dele, faz naquele momento a experiência do Cristo elevado no madeiro. Recordando a nossa passagem pelas águas do batismo, onde fizemos a experiência de morrer para uma vida antiga, em vista de levarmos uma vida nova, em Cristo, todos os que participam desta celebração são aspergidos com água. A água para os cristãos tem diversos sentidos. Ela lava, purifica, faz brotar a semente. Nessa celebração de visita ao enfermo, o gesto da aspersão nos recorda que estamos intimamente ligados ao Cristo, por meio do nosso batismo, que nos faz membros da comunidade eclesial, que por meio da sua presença revela a solidariedade e a compaixão de Deus para com o enfermo.

A visita ao doente prossegue com a celebração de um momento penitencial.

Todavia, caso seja desejo do enfermo, ele poderá celebrar o Sacramento da Reconciliação. A reconciliação consigo mesmo, com Deus, com a comunidade e com o cosmo configura-se como um remédio no processo de cura, daquilo que nos faz sofrer no corpo e no espírito.

Reconciliado em Deus, o enfermo agora é alimentado pela Palavra do Senhor. Como afirma o apóstolo Paulo, a fé penetra em nossas vidas, pela escuta (Rm 10,17). O anúncio da Palavra nessa visita, busca instruir o enfermo e aqueles que o acompanham na Palavra, que não passa por nós sem deixar os seus sinais (Is 55,10-11). Nesse momento da Liturgia da Palavra, a homilia assume uma função fundamental. Através dela, aquele que preside a visita da comunidade ao doente exorta os presentes e o que está convalescendo, a viver este momento à luz do Mistério Pascal de Cristo, para onde devem convergir todos os nossos pensamentos.

Ao alimento da Palavra se une o alimento da eucaristia. A prática de levar a comunhão para os doentes já é testemunhada desde os primórdios da Igreja. O doente se alimenta da eucaristia, ampliando em seu coração a esperança de que somente este pão é capaz de nos oferecer a vida eterna (Jo 6,51). Recebê-lo no momento da enfermidade nos recorda que fazemos parte de uma comunidade que nos acompanha espiritualmente e presencialmente, por meio de alguns de seus membros.

A visita ao doente se encerra com uma oração, que não nos recorda a morte, mas a súplica da comunidade que, voltada para Deus, pede que o mesmo, por meio do Espírito, continue fortalecendo a vida daquele que busca a saúde do corpo-espírito-alma. Esta visita ao doente se configura como uma profecia de que a vida para os cristãos é sempre colocada em primeiro lugar.

### **3.2 Oferecendo o óleo que nos faz serenos**

Como já observamos, o RUEAP apresenta inúmeros modos da comunidade eclesial se fazer presente na vida dos fiéis cristãos enfermos e de celebrar com estes o mistério da nossa salvação. Nesses modos de presença celebrativa ou de assistência pastoral da Igreja, podemos constatar uma resposta positiva ao pedido de Jesus na ceia derradeira, e que perpassará todas as ações litúrgicas da comunidade eclesial: “fazei isto em memória de mim”.

Um olhar atento sobre as páginas dos Evangelhos, nos ajuda logo a perceber o cuidado de Jesus com os enfermos. Aliás ao enviar os seus discípulos, deu-lhes a recomendação de que ungissem os doentes que encontrassem pelo caminho (Lc 10,1-

24). Cientes desse cuidado particular empreendido por Jesus em favor dos que padecem enfermidade, os seus discípulos continuaram trilhando seus passos, após a morte e ressurreição do Mestre, nesse valioso serviço pastoral de cuidado da vida.

O rito da celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos, proposto no Segundo Capítulo do RUEAP é expressão viva de uma Igreja que deseja celebrar com os seus membros enfermos a visita de um Deus que é Emanuel. Por isso, estando conosco, por meio do seu Filho, no Espírito, jamais deixa de visitar os seus amados filhos, sobretudo quando estes experimentam na própria carne dor da enfermidade. A Introdução Geral do RUEAP, no número 5, afirma:

Na verdade, aquele que adoce gravemente necessita de uma graça especial de Deus, a fim de que, premido pela ansiedade, não desanime, e, submetido à tentação, não venha a perder a própria fé.

Por isso, o Cristo fortalece com o Sacramento da Unção os fiéis que adoecem, concedendo-lhes assim poderoso auxílio.

A celebração deste sacramento consiste, sobretudo na oração da fé e na unção dos enfermos com óleo santificado pela bênção de Deus após a imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja; por este rito é significada a graça do sacramento.

As partes que compõem a celebração do Rito Sacramental de Unção dos Enfermos nos convidam a olhar três gestos significativos, que nos ajudam a entender o mistério que nela celebramos. Os gestos são estes: a imposição das mãos sobre a cabeça do enfermo, a oração sobre o fiel enfermo e a unção com o óleo abençoado. Ainda na introdução do RUEAP, no número 6 encontramos a seguinte afirmação:

Este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo, que contribui para o bem do homem todo, reanimado pela confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do maligno e as aflições da morte, de modo que possa não somente suportar, mas combater o mal, e conseguir, se for conveniente à sua salvação espiritual, a própria cura.

Este preâmbulo nos ajuda a entrar na dinâmica celebrativa do Rito Sacramental da Unção dos Enfermos. O rito aqui deve ser entendido não como a pura e simples repetição de gestos ou palavras, mas como uma estrada que nos conduz ao coração do Mistério Pascal de Cristo, celebrado e atualizado, em meio a realidade da enfermidade.

Uma das grandes riquezas do Concílio Vaticano II, foi a de colocar em evidência a importância da proclamação da Palavra de Deus, e da homilia que nasce dela em todas as ações litúrgicas da Igreja (SC 35). A Palavra de Deus deve iluminar todas as ações celebrativas da Igreja, que procuram fazer memória da paixão, morte e ressurreição de Cristo. No Rito da Unção dos Enfermos, muitos são os textos indicados para serem proclamados durante a Liturgia da Palavra, quando este é celebrado com ou fora da celebração eucarística. Os textos sempre apresentam Jesus como aquele que age, a partir

da fé do enfermo, em favor do seu restabelecimento. Ele é o Bom Pastor.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, no número 61, após refletir sobre o valor da proclamação da Palavra na celebração do Sacramento da Reconciliação, assim Bento XVI se expressa:

Passando ao Sacramento da Unção dos Enfermos, não se esqueça que a “força salutar da Palavra de Deus é apelo vivo a uma conversão pessoal constante do próprio ouvinte. A Sagrada Escritura contém numerosas páginas de conforto, amparo e cura, que se devem à intervenção de Deus. Em particular, recorde-se a atenção dada por Jesus aos doentes e como Ele mesmo, Verbo de Deus encarnado, carregou as nossas dores e sofreu por amor do homem, dando assim sentido à doença e à morte.

A Palavra proclamados leva a um segundo momento da celebração, que é denominado de Liturgia Sacramental. Instruída pela Palavra, a comunidade consegue captar os três gestos centrais do rito da unção dos enfermos: a imposição das mãos sobre a cabeça, a oração sobre o doente e a unção com o óleo. Pois “o rito celebrado – não simplesmente o *ordo* ritual, mas o *ordo* transformado em ação pela celebração da Igreja – reconduz a Igreja à sua fonte e ao seu ápice” (GRILLO, 2017, p. 47), que não é outra coisa do que o Mistério Pascal de Cristo. Por meiodestes três gestos significativos, o Senhor vem ao encontro da pessoa que experimenta a realidade da enfermidade, por meio do Filho, que age através do ministro da Igreja, na força transformadora do Espírito Santo.

A imposição das mãos é um gesto muito antigo, que remonta ao tempo das comunidades primitivas. Os primeiros cristãos transmitiram este gesto às gerações futuras, como um ato *epiclético*, isto é, de invocação do Espírito Santo sobre a comunidade ou pessoa sobre a qual se impõem as mãos. No rito da Unção dos Enfermos, o ministro que preside a celebração, padre ou bispo, antes de ungir com o óleo o doente, em silêncio impõe-lhe as mãos. O gesto é acompanhado de um profundo silêncio, que conta com a participação de toda a assembleia que ali está para rezar pelo enfermo. “O silêncio é uma mistagogia que nos faz entrar no mistério sem o conspurcar” (SARAH e DIAT, 2017, p. 155).

Neste gesto, constatamos que o Espírito Santo, invocado sobre o enfermo, vem ao seu encontro como Consolador, para reerguer o que está caído, diante das dores produzidas pela enfermidade. Apresentando-se como o único capaz de transformar na féas situações de sofrimento em realidades de vida. Triacca, ao falar do Espírito e da sua ação curativa, na celebração do Sacramento da Unção dos enfermos, assim se expressa:

O dinamismo pneumatológico deste sacramento envolve o sofrimento em uma *beatapassio* e transforma a enfermidade em carisma, isto é, a converte

em lugar típico de particulares graças, sintonizada com a grande onda da paixão de Cristo, presente no enfermo para realizar no tempo e no espaço sua perene palavra de salvação: “Não são os que tem saúde que precisam de médicos, mas os enfermos. O Filho do homem vem para salvar os que estão perdidos” Lc 5,31 (TRIACCA, 2011, p. 134).

Um outro gesto significativo presente no rito da Unção dos Enfermos é o da oração sobre o doente. A comunidade orante que se encontra em torno do enfermo, presidida pelo ministro próprio deste sacramento, não está ali motivada por um sentimento de dó, mas pelo espírito de solidariedade e compaixão. A assembleia neste momento reza em silêncio. O silêncio oracional é reflexo de uma comunidade cônica de que: “o sofredor e o fraco fazem com que a comunidade olhe para si mesma e para a partilha da causa ou do alívio do sofrimento” (BOER, 1998, p. 381).

A oração sobre o doente conduz a comunidade à compreensão do sentido fundamental do Sacramento da Unção dos Enfermos para todos os cristãos. “O significado profundo da unção dos enfermos nos ajuda a redescobrir não somente o sentido da enfermidade e da morte, mas também a missão de Cristo, médico dos corpos e das almas, e a missão do Espírito como ação curativa” (MAQUEDA, 2012, p. 205).

O terceiro gesto significativo na celebração deste sacramento é a unção do enfermo com o óleo. Uma das novidades do novo Ritual da Unção dos Enfermos foi o de abrir a possibilidade da utilização de um óleo abençoado na própria celebração, caso aquele que vai presidir o sacramento não tenha consigo o óleo abençoado na Missa da Unidade, presidida pelo bispo, na manhã da quinta-feira santa. Sobre o uso do óleo para ungir os doentes, encontramos alguns testemunhos no Novo Testamento, nos Padres da Igreja e nos primeiros livros litúrgicos. Todos esses textos serviram de fonte de inspiração teológica, litúrgica e pastoral para o novo ritual. Sobretudo para tornar claro aos membros da comunidade o sentido e a importância da unção daqueles que vivem na carne a situação da enfermidade. Pois “a unção dos enfermos associa todos os que participam na celebração com transformação, reintegração e soerguimento” (BOER, 1998, p. 395).

Ungir com o óleo o enfermo que se encontra debilitado significa transformar a dor em esperança, o isolamento em integração. Soerguendo aquele que está abatido para que, sob o olhar de Deus, em Cristo e apoiado pela comunidade, possa superar, sob o impulso do Espírito Santo, o que lhe impede de caminhar nesta vida, mantendo a serenidade, um dos elementos fundamentais para se passar pela enfermidade, sem se deixar ferir ainda mais por ela.

A unção do doente é o ápice da celebração, em que o enfermo é contemplado na

sua inteireza. O texto eucológico que acompanha o gesto da unção do enfermo, em momento algum faz referência à morte, mas suplica ao Senhor, de quem nos vem a vida e todas as bênçãos, a graça da salvação e do alívio das dores daquele que é chamado a unir as suas dores ao sofrimento do Cristo, pendente na cruz. “A doença é um evento no qual aqueles que se identificam com o sofrimento de Cristo e sua vitória sobre a morte também partilham de sua sacramentalidade” (BOER, 1998, p. 369).

Unidos na proclamação da Palavra, estes três gestos significativos profetizam novos tempos em favor do doente. Desafiam-no a crescer na fé, superando tudo aquilo que possa impedi-lo de perceber a plenitude da presença de Deus em sua vida.

### **3.3 A celebração do sacramento da unção dos enfermos e de outros sacramentos diante da realidade da enfermidade.**

A sensibilidade pastoral e celebrativa que nasceu no bojo das reflexões do Concílio Vaticano II, auxiliou os teólogos, liturgistas e os outros membros da comissão responsável pela construção do RUEAP a pensar um livro litúrgico com muitas possibilidades celebrativas junto aos enfermos. O desafio de pensar esse livro não se constituiu em uma tarefa fácil para os responsáveis por tal empreitada, mas num valoroso trabalho de construção de um livro litúrgico a serviço, não só da celebração do sacramento, em prol dos enfermos, mas também da formação por meio de *ritus et preces* da comunidade cristã, sobre o sentido da enfermidade, para aqueles que vivem a experiência do discipulado de Jesus. Discorrendo sobre a celebração cristã da salvação, em favor dos enfermos, em busca da saúde humana, assim afirmam Bonaccorso e Bazzan:

O rito religioso é próprio aquele elemento extraordinário. O rito e a cura jogam sobre a polaridade entre “ordinário” e “extraordinário”, também em direção inversa: o rito conduz do profano ao sacro, isto é, do ordinário ao extraordinário, enquanto a cura conduz da enfermidade à saúde, isto é, do extraordinário ao ordinário. O extraordinário da enfermidade, porém, consiste na simples interrupção da vida ordinária: é sem senso e sem esperança. O extraordinário do sagrado, ao invés, é o sinal de um sentido global e orienta em direção a vida, manifestando o fundamento. Deste ponto de vista se pode compreender porque o rito realiza a intenção da cura. O rito transforma o extraordinário da enfermidade que é sinal do sair contra a vida, no extraordinário do sagrado que é o sinal do começando com a vida (BONACCORSO; BAZZAN, 1995, p. 553).

Os ritos do viático, da administração dos sacramentos a enfermos em perigo de morte iminente e a confirmação em perigo de morte testemunham a preocupação pastoral da Igreja em se fazer presente neste momento difícil do existir humano, que é o

enfrentamento da enfermidade ou até mesmo da realidade da morte. Os ritos demonstram que não só o enfermo é assistido, mas as celebrações auxiliam também no acompanhamento dos familiares, que acompanham o membro da família que é chamado a unir o seu sofrimento ao sofrimento de Cristo.

As celebrações citadas acima conduzem o enfermo e a família por uma estrada que permite o encontro, não com um Deus dos mortos, mas com o Deus da vida, o qual não se cansa de agir com entranhas de misericórdia para que seus filhos, mesmo experimentando a realidade da enfermidade, tenham vida e a tenham sempre em abundância.

Mais uma vez aqui ressaltamos, que estas celebrações conduzem o enfermo a encontrar-se com o Mistério Pascal, o qual nos recorda que neste mundo somos caminheiros, peregrinos rumo à pátria celeste.

O momento de dor deve ser revestido de esperança, que só podemos encontrar naquele que é o nosso único necessário, Jesus Cristo. O momento da enfermidade nos convida a escolher aquilo que é necessário (Lc 10,38-42). Tal escolha nos enche de esperança e nos ajuda a entender que Deus é proteção e amparo (BOER, 1998, p. 179).

Sentir-se protegido e acompanhando por Deus, no momento da enfermidade, é perceber que a sua atuação em favor de uma existência plena nunca se finda. A razão disto está em que o outro nome de Deus é Vida. Por isso, a característica própria de um cristão é a esperança (BOER, 1998, p. 179).

Esta parte do RUEAP mais uma vez testifica o valor desse livro ao propor a celebração do sacramento dos enfermos e outros sacramentos como lugar de mistagogia, ponto de partida para o encontro com aquele que é o coração do mistério, o Cristo. Pois é a partir dele e nele, que somos convidados a superar a realidade da enfermidade, a fim de desfrutarmos da vida que o Senhor nos oferece.

Ainda recordamos que no RUEAP encontramos um rito através do qual a comunidade acompanha os enfermos que estão prestes a fazer a experiência da morte. Este rito tem por finalidade auxiliar a comunidade que acompanha o enfermo agonizante, a refletir sobre o mistério da morte, à luz da fé cristã. A morte não é o fim, mas a passagem para a nova vida, em Cristo.

A experiência da morte não a fazemos apenas no entardecer da vida, mas já a experimentamos desde o nosso batismo, no qual morremos para uma vida antiga, para levarmos uma vida nova em Cristo. Por isso, a celebração deste rito tem um escopo fundamental: conduzir a comunidade que acompanha o enfermo a uma profunda



reflexão sobre a necessidade de bem viver, para também saber bem morrer.

#### **4. Por uma espiritualidade do cuidado**

A comunidade cristã é chamada a participar do Mistério Pascal de Cristo. Assim sendo, podemos afirmar que todo cristão é chamado a viver neste mundo como um místico. O místico não é aquele que foge ao mundo, mas alguém que se deixa conduzir por um projeto de vida que o faz enxergar a realidade com os olhos da fé. A fé nos ajuda a contemplar o mundo, percebendo os sinais de esperança que nos fazem caminhar. O Sacramento da Unção dos Enfermos, ao nosso entender, pode também ser denominado de sacramento da esperança. Um sinal da atuação de Deus na história do enfermo, para que ele continue, mesmo diante do sofrimento a caminhar na sua vida de fé, dando testemunho do Reino.

Entender este sacramento como um caminho que alimenta a esperança daquele que sofre nos faz pensar em uma espiritualidade do cuidado. Aliás, cuidar é uma das mais sublimes tarefas, das realizadas por Deus, que através do seu Filho, à luz do Espírito sempre vem em socorro do homem e da mulher, para lhes conduzir neste mundo até à vida eterna.

As celebrações propostas pelo RUEAP expressam, nas suas entrelinhas, este abundante cuidado da Igreja pelos seus membros, como expressão da face misericordiosa do Criador. Todas essas propostas celebrativas, ao serem realizadas, tornam-se para a comunidade discipular e para o enfermo uma fonte abundante de espiritualidade cristã, pois nos colocam em relação com o Mistério Pascal de Cristo. E para o cristão a espiritualidade, mais que viver do espírito, é vida percorrida no Espírito, e busca constante de viver em Deus (SOARES, 2012, p.14).

No processo de cuidado da pessoa enferma, faz-se necessário alimentar nela uma espiritualidade que, mesmo em meio à dor, a faça caminhar sem se deixar abater pelo sofrimento. Amparar, acompanhar e animar o enfermo, seja qual for o seu estado de saúde, a viver uma vida no Espírito, é auxiliá-lo no entendimento de que:

Espiritualidade é uma força dinâmica que se move no interior da pessoa, provoca-lhe vitalidade e ajuda-lhe a dar sentido à vida, transcendendo-a para além de um fato biológico, e pode estar ligada a uma força transcendental, a uma realidade Absoluta, a Deus e que coloca o ser humano a caminho, numa busca de si, de significado para a vida pessoal, para a própria história, para a realidade (GOMES, 2010, p.190).

Atravessar o momento da enfermidade a partir da espiritualidade do cuidado é sentir-se, em meio à solidão provocada pela doença, acolhido e acompanhado pela força

do Deus Uno e Trino, que por meio do seu Espírito está sempre disposto a transformar a vida humana, reerguendo o que está caído, reintegrando o que foi lançado às margens da sociedade, amparando o que foi deixado pelas estradas do mundo ou até mesmo esquecido nos corredores de um hospital.

### **Conclusão**

Ainda se configura para a Igreja como uma urgente tarefa, a superação da ideia de que a celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos é para aqueles que estão para fazer a experiência da morte. Já às portas da celebração dos 50 anos da publicação do RUEAP, redigido e construído à luz dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, percebemos que ainda precisamos fazer um longo processo de estudo catequético-litúrgico, para trazermos às claras a grande riqueza que encontramos neste livro litúrgico.

O que propusemos neste estudo, para melhor conhecer a riqueza deste sacramento, foi o caminho mistagógico. Este, por meio da compreensão dos *ritus et preces*, nos ajuda a compreender a Teologia Litúrgica, presente nas linhas que compõem o ritual, nos auxiliando na compreensão da *lex orandi* e da *lex credendi* da Igreja, que nos ajuda intuir a sua *lex vivendi*.

Conhecer os ritos que celebramos é entender que os sacramentos e sacramentais são caminhos que trilhamos para estarmos na presença de Deus e acolhermos a sua ação salvífica em nossas vidas. Pois, como sabemos, o desejo do Pai é salvar a todos, por meio do seu Filho, sob a luz do Espírito Santo.

Por isso, mais do que dar um sacramento, ao proclamar a Palavra, impor as mãos sobre os doentes, rezar sobre eles e ungi-los com o óleo santo, a Igreja celebra e atualiza um mistério. Continua a ação missionária de Jesus, que jamais se fez indiferente frente aos doentes, mas sempre agiu, para que por meio da fé fossem reintegrados à comunidade e ao convívio social.

### **Referências bibliográficas:**

BECKHÄUSER, A. *Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja *VERBUM DOMINI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

*Bíblia Tradução Ecumênica*, São Paulo: Loyola, 2014.

BOER, S. *Por uma liturgia libertadora*. Unção coletiva dos doentes. São Paulo: Paulinas, 1998.

BONACCORSO, G.; BAZZAN, A. Celebrazione Cristiana della salvezza e ricerca umana della salute. *Rivista Liturgica* 81/5. Torino: Elle Di Ci, 1995, pp. 549-568.

BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2012.

CORBON, Jean. *Liturgia alla sorgente*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2003.

COLLINS, M. Il rituale romano: cura pastorale e unzione degli infermi. In: *Concilium* 37/2. Brescia: Queriniana, 1991, pp. 169-186.

COSTA, R. F. *Mistagogia hoje*. O regaste da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

*DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II*. São Paulo: Paulus, 2007.

FORTE, B. *A Transmissão da Fé*. São Paulo: Loyola, 2018.

GOMES, R. Espiritualidade e cuidados paliativos: alguns pontos para a reflexão. *RevistaEspaços* 18/2. São Paulo: ITESP, 2010, pp. 187-196.

GRILLO, A. *Ritos que educam*. Os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017.

LAITI, G. “Dialettiche del simbolismo litúrgico: un viaggio nelle mistagogie dei secoli IV e V” In: GIRARDI, L. (Org.). *La mistagogia. Attualità di una risorsa*. Roma: CLV-Edizioni Liturgiche, 2014, pp. 37-52.

MANICARDI, L. *O humano sofrer: evangelizar as palavras sobre o sofrimento*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

MAQUEDA, A. L. *La pneumatologia litúrgica en la obra de Don Achille Maria Triacca*. Barcelona: Centro Pastoral Litúrgica, 2012.

MESSINA, R. *L'olio che guarisce. L'unzione degli infermi*. Torino: Edizioni Camilliane, 1999.

*RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS E SUA ASSISTÊNCIA PASTORAL*. São Paulo: Paulus, 2012.

SARAH, R. e DIAT, N. *A força do silêncio*. Contra a ditadura do ruído. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

SOARES, A. M. L. Elementos para uma teologia do mistério pascal. In: MARTINS, A. A. e MARTINI, A. (Org.) *Teologia e Saúde*. Compaixão e fé em meio a vulnerabilidade humana. São Paulo: Paulinas, 2012. pp. 102-116

STUDER, B. Mistagogia. In: DI BERARDINO, A. (Org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes e Paulus, 2002, p. 945.

TRIACCA, A. M. *Lo Spirito nella liturgia e nella vita della chiesa*. Città del Vaticano:

Libreria Editrice Vaticana, 2011.

VELASCO, J. M. El proceso mistagógico. Ensayo de fenomenología. *Teologia y Catequesis* 132. Madri: Universidad San Dámaso, 2015, pp. 37-64.

ZILLES, U. Unção dos Enfermos. *Teocomunicação* 107/25. Porto Alegre: PUCRS, 1995, pp. 103-116.